



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Trump sugere a divisão da Ucrânia

Presidente norte-americano conversa, hoje, com o russo Vladimir Putin sobre plano para tentar encerrar o conflito. Partilha de território deve dominar ligação. Líderes europeus suspeitam de intenções da Rússia

» RODRIGO CRAVEIRO

Os presidentes dos Estados Unidos, Donald Trump, e da Rússia, Vladimir Putin, terão a segunda conversa telefônica desde o retorno do republicano à Casa Branca — a primeira ocorreu em 12 de fevereiro. A Presidência dos Estados Unidos assegura que “a paz nunca esteve tão perto” na Ucrânia. No entanto, uma declaração de Trump causou estranhamento e preocupação em especialistas e em cidadãos ucranianos. “Nós conversaremos sobre terras. Nós falaremos sobre usinas de energia. Acho que discutimos muito sobre isso por ambos os lados, Ucrânia e Rússia. Estamos falando sobre isso, dividindo certos ativos”, afirmou o norte-americano, sem especificar que tipos de “ativos”. Acredita-se que a usina mencionada seja a central nuclear de Zaporizhzhia, a maior da Europa.

“A conversa está efetivamente sendo preparada para terça-feira”, confirmou o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov. A chefe de política externa da União Europeia (UE), Kaja Kallas, externou a desconfiança do bloco em relação às intenções de Putin. “O que a Rússia apresentou deixa claro que não quer, verdadeiramente, a paz. Ela está definindo, como pré-condições, seus objetivos de guerra finais”, advertiu a diplomata. A Casa Branca apresentou um plano de cessar-fogo imediato de 30 dias. No entanto, Moscou condiciona o fim dos combates ao reconhecimento, por parte da Ucrânia, do controle russo dos territórios ocupados. Também insiste em que o país governado por Volodymyr Zelensky abandone o desejo de adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).

Diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), Peter Zalmayev aposta que qualquer

Oleg Petrasjuk/Exército da Ucrânia/AFP



Soldados ucranianos da 24ª Brigada Mecanizada disparam morteiro em Chasiv Yar, na região de Donetsk

acordo de cessar-fogo não dará frutos antes que Trump deixe a Casa Branca. “Alguns especialistas creem que Trump pretende saber dos metais raros que estão em solo ucraniano e sua localização. No fundo, há uma competição entre Ucrânia e Rússia por investimentos dos EUA. Putin deverá propor a instalação de indústrias americanas em território russo”, disse ao **Correio**.

Zalmayev criticou a postura de Trump e lembrou que o republicano “danificou severamente” o direito internacional. “Isso ocorreu com sua decisão unilateral de abandonar o Acordo de Paris sobre mudanças climáticas e a Organização Mundial da Saúde

(OMS)”, afirmou. De acordo com ele, o único modo de a Ucrânia proteger a própria integridade territorial envolve a participação direta da Europa. “A UE sugere abertura para enviar tropas à Ucrânia, como capacetes azuis do Reino Unido e da França. Vários países-membros do bloco também decidiram ajudar Kiev a remontar o arsenal, durante um eventual cessar-fogo, e a fortalecer as fronteiras ucranianas.”

Presidente do Comitê de Relações Exteriores do Parlamento da Ucrânia entre 2014 e 2019 e cofundadora do Centro Internacional para a Vitória Ucraniana (em Kiev), Hanna Hopko frisou

ao **Correio** que Trump, algumas vezes, disse que a Ucrânia deve concordar com concessões ou compromissos e esquecer os territórios ocupados pela Rússia. “Nós jamais poderemos reconhecer os russos. Nossa soberania inclui as garantias de segurança, a adesão à Otan e o reforço das nossas forças armadas”, comentou. A ex-deputada explicou que a sociedade americana apoia a Ucrânia em massa e “jamais concordaria com um presidente que traisse a grandeza dos EUA”. Quanto à preocupação dos europeus, Hopko afirmou que os países-membros do bloco temem que os russos iniciem

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Os europeus entendem que a nova aliança entre Rússia e EUA não focará nos princípios do direito internacional. Isso é muito perigoso, pois provocará caos. A Rússia é o maior agressor entre os países que formam o chamado “eixo do mal”. Ela nunca desiste de suas ambições imperialistas e deseja agarrar mais terras.”

Hanna Hopko, presidente do Comitê de Relações Exteriores do Parlamento da Ucrânia entre 2014 e 2019 e cofundadora do Centro Internacional para a Vitória Ucraniana (em Kiev)

novo confronto no Corredor de Suwalki, na fronteira entre Lituânia e Polônia.

Reforço de tropas

O governo do primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, declarou que “um número significativo” de países fornecerá tropas para garantir uma eventual trégua na Ucrânia dentro da denominada “coalizão de voluntários”. “Prevemos a participação de mais de 30 países. Obviamente, a capacidade de contribuição irá variar, mas se tratará de uma força importante, com um número significativo de países aportando tropas e outro maior contribuindo de outras formas”, anunciou o porta-voz de Starmer.

IGREJA CATÓLICA

Tiziana Fabi/AFP



Velas sob estátua de João Paulo II, do lado de fora do hospital

Papa tem leve melhora motora e respiratória

O papa Francisco, hospitalizado desde 14 de fevereiro, apresenta leve melhora do ponto de vista respiratório e motor. De acordo com o serviço de imprensa do Vaticano, o líder católico pode respirar por “breves momentos” sem a necessidade de oxigênio adicional. “Em alguns momentos, provavelmente breves, o papa pode prescindir da ajuda do oxigênio, como quando se desloca”, informou a fonte, um dia depois da divulgação da primeira imagem do jesuíta argentino, de 88 anos, desde que deu entrada no Hospital Gemelli, em Roma.

Na foto, Francisco aparece sentado em uma cadeira de rodas, um pouco cabisbaixo diante do altar de sua capela privada no hospital. O pontífice aparece sozinho e sem a cânula nasal de alto fluxo que costuma usar durante o dia para ajudá-lo a respirar. O inchaço em sua mão, visto na foto, se deve à mobilidade reduzida, mas melhorou hoje. O papa passou o dia de ontem entre orações, descanso e algumas atividades de trabalho.

O líder de 1,4 bilhão de católicos foi internado há 32 dias devido a uma bronquite, que evoluiu para pneumonia bilateral. Desde então, não fez nenhuma aparição pública. O último boletim médico, divulgado na noite de sábado pela Santa Sé, informou que sua condição de saúde era “estável”, mas que precisava continuar com seu tratamento no hospital, apesar de uma “melhora gradual”. O próximo será emitido amanhã.

O Vaticano explicou que os médicos reduziram a intensidade do fluxo de oxigênio administrado durante o dia por meio de uma cânula nasal, sinal de que o papa recupera a capacidade pulmonar.

ORIENTE MÉDIO

EUA atacam Iêmen e ameaçam Irã

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse que responsabilizará o Irã por qualquer ataque dos rebeldes huthis iemenitas, apoiados por Teerã, um dia depois de os insurgentes reivindicarem uma “operação militar” contra o porta-aviões americano USS Harry Truman, no Mar Vermelho. “Cada disparo dos huthis será considerado, e agora em diante, como um disparo das armas e da liderança do Irã, e o Irã será responsável e sofrerá as consequências”, publicou Trump, em sua plataforma Truth Social. Também ontem, vários meios de comunicação huthis relataram novos bombardeios americanos no Iêmen, horas depois que dezenas de milhares de pessoas se manifestaram nas áreas controladas pela milícia rebelde para protestar contra ataques semelhantes no fim de semana.

Durante o dia, milhares de manifestantes exibiram cartazes e fuzis, aos gritos de “morte aos Estados Unidos, morte a Israel”, em um protesto na capital, Sanaa, segundo imagens da TV Al Masirah. Também foram registradas manifestações em outras cidades, como Sada, Dhamar, Hodeida e Amran.

Mohammed Huwais/AFP



Iemenitas brandem fuzis durante manifestação de huthis em Sanaa

O líder dos rebeldes apoiado, pelo Irã, Abdel Malek al Huti, pediu aos iemenitas que se reúnam “em milhões” para protestarem, contra os bombardeios americanos. Desde o início da guerra na Faixa de Gaza, os huthis atacam, com mísseis, Israel e barcos americanos e britânicos. Dizem que atuam em solidariedade com os palestinos.

Segundo a agência de notícias Saba e a emissora Al Masirah, os

novos bombardeios de ontem ocorreram nas regiões de Al Salif e Hodeida. O Irã condenou os ataques “bárbaros” dos EUA e advertiu que tomaria represálias contra qualquer ofensiva. O jornalista iemenita Abdulhameed Sharwan, morador de Sanaa, criticou a ameaça de Trump. “As declarações dele são uma tentativa de escapar da situação difícil em que ele se colocou. O ataque ao porta-aviões dos

EUA o pôs em maus lençóis. Então, ele recorre a acusar o Irã de gerenciar operações feitas pelo Iêmen”, afirmou ao **Correio**. “Quanto à sua promessa de retaliar Teerã, caso o Iêmen mantenha os ataques, esse assunto é dele com o Irã e nada tem a ver com o Iêmen.”

Para Sharwan, Trump não pode fazer nada além do que o ex-presidente democrata Joe Biden fez nos últimos 15 meses. “O Iêmen está em guerra há 10 anos e foi bombardeado com mais de 250 mil ataques aéreos pela coalizão liderada pela Arábia Saudita e pelos Emirados Árabes Unidos. Portanto, não há muito que ele possa fazer além do que tem sido feito.”

Causas complexas

O Comando Central Americano para o Oriente Médio (Centcom) anunciou, na madrugada de ontem, que suas forças “continuam com as operações” contra os huthis. A ONU pediu ao Exército americano e aos huthis que cessem “toda atividade militar”. A China defendeu “diálogo” e uma desescalada, afirmando que o tema iemenita tem “causas complexas”.

Presidência de El Salvador/AFP



Casa Branca diz agir dentro da lei com deportações para El Salvador

A Casa Branca sustenta que o governo do presidente Donald Trump agiu dentro da lei nas deportações para El Salvador e confia em vencer a batalha judicial sobre o uso de uma legislação de guerra de 1798 para expulsar migrantes. No fim de semana, 261 migrantes foram expulsos para El Salvador. A Justiça ordenou, no sábado, a suspensão das expulsões por 14 dias com base na Lei de Inimigos Estrangeiros, que remonta ao século XVIII, e quer saber se algumas das expulsões daquele dia ocorreram apesar da proibição. “Essa administração agiu dentro do marco da lei”, declarou a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt. “Temos plena confiança de que venceremos este caso nos tribunais”, acrescentou. Stephen Miller, assessor de Trump na Casa Branca, classificou a decisão judicial como uma “ordem ilegal” emitida sem informações sobre os migrantes deportados. Dos 261 migrantes expulsos na operação, 137 “foram deportados sob a Lei de Inimigos Estrangeiros”, 101 eram venezuelanos (foto) removidos com base em uma norma migratória e 23 eram membros da gangue MS-13.